

NIETZSCHE/DELEUZE - NATUREZA/CULTURA

Resenhador

Membros do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas
www4.fct.unesp.br/grupos/gplg/

LINS, Daniel; OLIVEIRA, Nilson; BARROS, Roberto (orgs.). **Nietzsche/Deleuze Natureza/Cultura**. São Paulo: Lumme Editor, 2011.

O livro aqui resenhado foi organizado pelos pesquisadores Daniel Lins (Filósofo e Sociólogo, foi professor da Universidade Federal do Ceará) e Roberto Barros (Doutor em Filosofia pela Universidade Técnica de Berlim e professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará), assim como pelo escritor e ensaísta, editor da revista literária Polichinelo, Nilson Oliveira (Belém, PA.), a partir dos textos dos expositores convidados para o X Simpósio Internacional Nietzsche/Deleuze, o qual se deu na cidade de Belém (PA), em maio de 2010.

O livro, assim como o Simpósio, consta com contribuições de especialistas de diferentes áreas do Brasil e do mundo, desde Fotografia (Patrick Pardini), Arquitetura e Estética (Eduardo Pellejero), Filosofia (Oswaldo Giacoia Junior, Tilman Borsche, Henry Burnett, Germán Meléndez, Rodrigo Nunes, Hélio Rebello Cardoso Jr., entre outros), Antropologia (Dorothea V. Passetti) e Artes Cênicas (Charles Feitosa). A Filosofia, em especial a de Gilles Deleuze e a de Friedrich Nietzsche, é o fator agenciador dos estudos feitos por esses pesquisadores e intelectuais convidados para publicarem nesse livro a partir da temática norteadora do evento, a qual abordava a pertinente questão da reconceituação da relação Natureza/Cultura para o mundo atual, notadamente como decorrência do pensamento dos dois filósofos focados.

A ausência de geógrafos entre os nomes convidados é o que nos chama atenção, principalmente por se tratar da abordagem da relação Natureza/Homem (sociedade), a qual muitos pesquisadores em Geografia entendem ser fundamental para a evolução e a função social desse ramo científico do conhecimento humano. Foi justamente essa ausência que instigou nosso Grupo de Pesquisa a elaborar coletivamente esta resenha como forma de contribuir para um melhor entendimento desta relação, assim como da necessidade de apontar novas perspectivas para conceituar a mesma¹. Explicamos tal ausência pelo fato do pensamento

¹ O Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG), reconhecido pelo CNPq, está vinculado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP de Presidente Prudente e atua em grande medida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (MS), trabalha com os vários expressões da linguagem geográfica nas diferentes áreas do conhecimento.

geográfico, se não defasado, pelo menos alienado em relação as potencialidades dos estudos filosóficos que as abordagens deleuzianas, em decorrência de suas reflexões sobre os textos de Friedrich Nietzsche, potencialiam para a Geografia quanto a um outro olhar sobre essa relação natureza/sociedade.

A tradição epistemológica dos estudos geográficos parte da postura, meio que idealmente naturalizada no interior dos centros de pesquisas, da cisão homem e natureza, a qual se institucionalizou em duas especializações: uma área denominada Geografia Física e outra alcunhada de Geografia Humana. No interior de cada uma dessas, reverbera o aspecto ontológico mais incômodo dessa divisão, qual seja, a cisão sujeito e objeto do conhecimento. A partir dessas duas grandes áreas, e atendendo a contínua especialização do conhecimento, temos na contemporaneidade das análises e abordagens científicas a essa dualidade o desdobrar em várias especializações, cada uma dessas reproduzindo tal cisão a partir da especificidade do fenômeno estudado.

De um lado temos a Geografia Humana se especializando em Urbana, Econômica, Populacional etc., e de outro a Geografia Física em Geomorfologia, Climatologia, Hidrologia etc. A questão problematizadora advém do fato de cada especialização tender a elaborar um processo metodológico próprio de como abordar o seu fenômeno estudado. A possível unidade entre as diversas especializações se daria pela generalização do referencial teórico metodológico. Dessa feita, teríamos uma epistemologia específica para a geografia humana, a qual poderia advir, por exemplo, dos estudos de base marxista ou fenomenológicos, enquanto teríamos outra epistemologia circunscrita aos estudos físicos, podendo ser articulados pelos referenciais da Teoria Geral dos Sistemas ou dos estudos holísticos.

Diante disso teríamos duas ou mais ciências, pois suas epistemologias delinearíamos linguagens específicas, as quais atenderiam diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, assim como funções e objetivos. O que se cobra perante essa confusão é uma abordagem ontológica capaz de manifestar uma linguagem comum que, independente do fenômeno estudado, estabeleceria um referencial articulador possível para se entender suas diversas especializações como fazendo parte de uma mesma perspectiva epistemológica e ontológica. Aí os textos presentes no livro aqui resenhado têm muito a contribuir para o pensamento geográfico.

Enquanto boa parte dos pesquisadores atuais tende a compreender a unidade desse conhecimento se dar pela uniformização teórico-metodológica, generalizando seus pressupostos para todos os fenômenos abordados², os estudos e ideias elaboradas por Friedrich Nietzsche, posteriormente aprofundadas e ampliadas por Gilles Deleuze, apontam para outra

² É o caso do marxismo, em passado recente, assim como a Teoria Geral de Sistemas atualmente. No caso dessa última, não se percebe, por exemplo, as nuances e diferenciações que ocorrem entre a ideia de sistema aberto instaurada pelos estudos de Ludwig von Bertalanffy (*General System Theory*. New York: George Braziller, 1968) com a organização autopoietica dos sistemas fechados dos seres vivos elaborada por Humberto Maturana e Francisco Varela (*La Arbol del Conocimiento*. Madrid: Editorial Debate, [1984] 1996), o que é bem diferente da concepção sistema de pensamento como uma imagem não orgânica ou sistêmica de se pensar o mundo de Gilles Deleuze e Felix Guattari (*Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 1991). Ao não se perceber essas diferenças, acaba-se por reproduzir os mesmos erros de generalização teórica do passado, transformando um parâmetro com o qual se pode pensar o mundo em um modelo a ser aplicado, uniformizando estudos e soluções.

perspectiva de abordagem. Em meio a diversidade de fenômenos que acontecem no mundo, em suas interações e movimentos vários e complexos, os estudos científicos podem e devem desenvolver metodologias próprias para a abordagem das diversas singularidades desse caos, visando atualizar suas funções e proposições; no entanto, isso não pode se perpetuar a partir de uma ontologia pautada na metafísica da cisão idealizada do sujeito que pensa um objeto pensado, não percebendo as delicadas redes, afecções e contatos que interferem mutuamente em cada corpo dessa relação, fazendo da separação entre homem e a natureza um elemento enganador, deturpador do como o mundo acontece no pensamento. Eis aí o perspectivismo, ou seja, outra perspectiva para se pensar o homem, enquanto ser da cultura, e a natureza, enquanto objeto da sensação.

O perspectivismo rompe com a lógica do pensamento que partiu o mundo em dois: Sensível e Inteligível – Natureza e Cultura. A cultura ocidental está baseada neste modelo de separação evolucionista, que distingue um mundo superior e ideal, de outro decifrável e selvagem (OLIVEIRA, in: LINS; OLIVEIRA e BARROS: 2011, p. 15).

Essa afirmação é complementada e melhor fundamentada pelo texto de Dorotheia Passeti, quando esclarece.

A Natureza, portanto, não pode apenas estar restrita ao o que é exterior ao homem. Assim também não se deve abordar a Cultura como oposta à Natureza. A partir disso, para pensarmos o binômio Natureza-Cultura, devemos fazê-lo por dentro: invadi-lo e descobrir que nós, os homens, somos também produto desta relação [...] de nossa ação e de nosso pensamento (in: LINS; OLIVEIRA e BARROS: 2011, p. 61).

No entanto, tal perspectiva não caminha pela reprodução das mesmas opiniões que fundamentam as epistemologias científicas baseadas na tradição da ontologia do ser a partir da cisão metafísica do homem/natureza, como alguns entendem a superação dessa dicotomia pela ampliação em si da capacidade humana de dominar a natureza, seja pelas forças econômicas, seja pelo respeito aos seus processos próprios, ou então pela mistificação ou idealização paradisíaca da mesma. Criar pensamentos sobre essas singularidades corporais pressupõe uma nova linguagem, outra imagem de pensamento, outra ontologia na qual o ser humano não está a priori dado, nem a natureza a ele se coloca como externalidade para o estudo e usufruto. Isso significa pensar de outra maneira, portanto, potencializar outros sentidos para o homem/natureza, para além daqueles que idealmente naturalizamos como únicos e possíveis.

O homem não está condenado a repetir o círculo instintivo... (como pretende o naturalismo genético contemporâneo), mas também não está condenado à liberdade (nem no sentido do voluntarismo sartreano, nem no relativismo cultural pós-moderno)... Por um lado, não há natureza humana. Há apenas meios sociais, artísticos ou políticos de satisfazer as nossas tendências, isto é, instituições ou agenciamentos coletivos que impõem ao nosso corpo, mesmo nas suas estruturas involuntárias, uma série de modelos, ao mesmo tempo que dão à nossa inteligência um saber... Mas, por outra parte, as condições de possibilidade de essa produção de instituições, agenciamentos colectivos ou naturezas... não depende do que de humano há no homem (da tradição, da cultura, da história), mas do que de inumano escoa nele e no seu meio (PELLEJERO, in: LINS; OLIVEIRA e BARROS: 2011, p. 199).

Assim como não há “natureza humana” a ser idealmente atingida, não podemos generalizar uma humanização da natureza que funcione como uma projeção de nossas ideias e valores de como deve ser a esta, mesmo se pautando em uma concepção científica de natureza. O que temos de possível é um agenciamento de enunciados e corpos a delimitarem um momento político e cultural de como nos colocamos no mundo. De como lemos o mundo em nós.

Nesse aspecto, os limites de leitura, os quais ocorrem no contexto do desenvolvimento de cada discurso científico, tendem a ser abordados como um problema circunscrito a defasagem teórica e metodológica adotada e a solução para tal se dará pela introdução de uma nova abordagem teórica. Ao assim se preceder, nega-se a questionar a imagem de pensamento adotada, reproduzindo a mesma cisão sujeito/objeto na solução proposta por um novo referencial teórico-metodológico. Vela-se que a ideia de homem determina a ideia de natureza para o homem, cabendo a ciência apenas atualizar os mecanismos de perpetuação dessa ideia, naturalizando-a no próprio imaginário humano. Contudo, o que os textos do livro aqui resenhado apontam é outra perspectiva de pensamento, outra linguagem para a filosofia e a ciência, outra imagem homem/natureza.

Isso é fundamental para a Geografia. Enquanto institucionalmente se insiste na divisão física e humana, na realidade dos corpos no cotidiano da vida, a interação e contatos potencializam outra imagem para a dinâmica espacial que aí acontece. Isso não significa eliminar a busca por novas perspectivas e metodologias, pelo contrário, com a diversidade de fenômenos, esses cobram novas ferramentas e formas de abordagem, mas isso não pode se perpetuar num contexto em que se reproduzam distintas epistemologias no interior de uma mesma linguagem científica, todas se pautando numa cisão homem/natureza; independente do fenômeno observado, uma linguagem geográfica deve ser capaz de estabelecer sentidos mais próprios para os processos espaciais que acontecem imanentes aos movimentos em que a vida se dá, não importando aí se é vida humana ou inumana, se é orgânica ou inorgânica.

Essas são as ideias centrais que destacamos do livro **Nietzsche/Deleuze – Natureza/Cultura**, isso exige, por parte dos geógrafos, estudos futuros e mais aprofundados na direção de efetivamente terem o que falar e contribuir com a melhor compreensão dessa relação no que tange os processos espaciais daí decorrentes, para assim não ficarem restritos a um nicho intelectual que tem pouco a dizer para o mundo e as demais áreas do conhecimento, não importando qual referencial teórico esteja aplicando, mas conscientes de que exercitam um pensar/falar articulado numa linguagem geográfica comum as suas diversas especializações. Isso é um desafio, um confronto com o já dado, com as metodologias redentoras e generalizantes, capazes de a tudo acomodar no interior dos limites de suas lógicas e opiniões. É exercitar o pensar diferente.

É nesse confronto com as forças no presente que lhe exigem resposta que o pensamento se deparará com o exercício, uma vez mais, da especulação para além dos limites do entendimento, da metafísica.... Porque “pensar diferente” é, necessária e inevitavelmente, experimentar-se contra os limites, tentar superá-los, tentar descobrir o que podem ter de contingente ou de (aparentemente) necessário (NUNES, in: LINS; OLIVEIRA e BARROS: 2011, p. 373).